

Reynaldo Moura: publicações na imprensa

Reynaldo Moura: the publications in the press

Cláudia Peixoto de Moura

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil



Resumo: Este ensaio registra o trabalho realizado no Acervo de Reynaldo Moura, que está vinculado ao DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural, da PUCRS, em comemoração, em 2010, dos 110 anos de nascimento e 45 anos de morte do escritor que nasceu em Santa Maria. Reynaldo Moura foi romancista e poeta, de 1926 a 1965, além de jornalista identificado com textos envolvendo política, história e cultura do Estado, a partir de 1923.

Palavras-chave: Reynaldo Moura; Delfos; Imprensa

Abstract: This essay records the work done in Reynaldo Moura's Collection, which is linked to DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural, at PUCRS, in celebration, in 2010, the 110th anniversary of birth and 45 years of death of the writer who was born in Santa Maria. Reynaldo Moura was a novelist and poet, from 1926 to 1965, and journalist identified with texts involving politics, history and culture of the state, from 1923.

Keywords: Reynaldo Moura; Delfos; Press

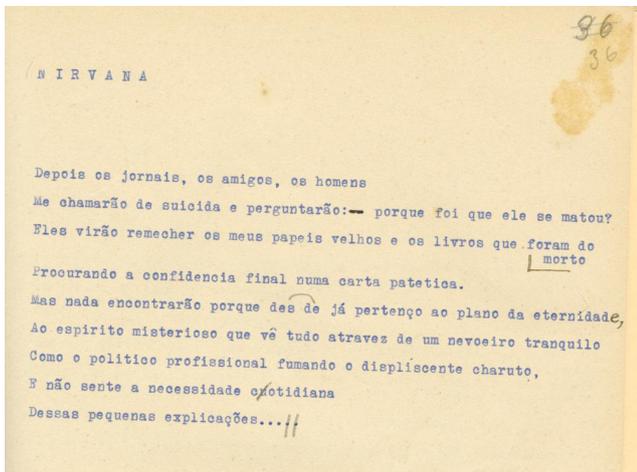
O presente texto¹ tem como objetivo registrar o trabalho realizado no Acervo de Reynaldo Moura, que está vinculado ao DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural, da PUCRS. O ano de 2010 foi um período comemorativo aos 110 anos de nascimento e 45 anos de morte do escritor que nasceu em Santa Maria, no dia 22 de maio de 1900, e faleceu em Porto Alegre, no dia 12 de junho de 1965. Reynaldo Moura foi romancista e poeta, de 1926 a 1965, além de jornalista identificado com textos envolvendo política, história e cultura do Estado, a partir de 1923. Pode-se dizer que foi um jornalista por vocação, caracterizado como crítico, observador e diagnosticador da realidade. As temáticas recorrentes em sua produção, considerando o momento histórico, abordaram: as grandes guerras, o medo coletivo em vista dos acontecimentos, o sentimento de esperança das massas, a cultura francesa prejudicada pela invasão alemã, a fragmentação do homem diante do surgimento de tecnologias de difusão como o rádio e o cinema. Estas questões foram registradas em suas crônicas, sobretudo no jornal *Correio do Povo*, traçando o cotidiano da cidade de Porto Alegre, de 1930 a 1960.

Em sua contribuição para a imprensa da época, revelou-se um escritor preocupado com o seu tempo e com a profissão, pois muitas de suas crônicas expõem uma temática sobre a própria função de jornalista. Escreveu em vários jornais, publicou crônicas semanais desde 1934, no *Correio do Povo*, foi redator e editor do jornal oficial do Rio Grande do Sul, denominado *A Federação*, para o qual entrou mediante concurso público. Dirigiu a Biblioteca Pública do Estado, no período de 1939 a 1956, e foi membro fundador da Associação Rio-Grandense de Imprensa – ARI, obtendo a matrícula número 201, conforme reprodução abaixo.



¹ As bolsistas BPA/PUCRS, acadêmica Jéssica de Souza Barbosa, da Faculdade de Comunicação Social – FAMECOS, e acadêmica Kamila Ail da Costa, da Faculdade de Letras – FALE, colaboraram no levantamento de informações utilizadas no texto.

Os materiais do Acervo podem ser identificados como jornais, revistas, livros, manuscritos originais, fotografias, desenhos, almanaques, correspondências, fitas eletromagnéticas, móveis, placas, certificados/certidões e diplomas, papéis pessoais e objetos pessoais. Atualmente, há um *blog* hospedado na página de Reynaldo Moura, que revela as atividades desenvolvidas, em 2009 e 2010, pela bolsista da área de Jornalismo.² O total de materiais do Acervo, em novembro de 2010, era de 1077 itens, cabendo o maior número às publicações em jornais. Igualmente, em 2010, ocorreu uma exposição comemorativa com materiais do Acervo de Reynaldo Moura, organizada em agosto, no saguão da Biblioteca da PUCRS. No Acervo encontra-se um registro do escritor a respeito dos seus materiais guardados, de acordo com a seguinte página reproduzida, que contém rasuras do próprio autor:



O escritor foi o patrono da XXVIII Feira do Livro de Porto Alegre, ocorrida em 1982, sendo considerado “um verdadeiro amigo do livro em toda sua extensão”³. Reynaldo Moura escreveu que “É para fugir à morte total que o homem escreve livros. Curto consolo, sem dúvida, mas sempre com todas as virtudes tranquilizadoras de um consolo. (...) Ele sentirá que ainda vive, apesar de tudo, apesar da espessura impalpável que o separa do espírito que ele deixou palpitando na vida do livro”.

Projetos de Organização do Acervo

A Faculdade de Letras implantou, em 1994, o projeto intitulado ‘Organização do Acervo Literário de Reynaldo

Moura’, com a sigla ALREM, vinculado ao seu Curso de Pós-Graduação. A coordenação do Acervo, até 2007, coube à profa. Dra. Maria Luíza Ritzel Remédios, que foi a responsável pelo início do projeto. Seus objetivos eram: preservar, para a memória nacional e para a pesquisa literária futura, a produção de Reynaldo Moura, os originais de sua obra, literários ou não, oferecendo aos pesquisadores e estudiosos da literatura brasileira um acesso a informações sobre a vida e a obra desse escritor, bem como sobre sua atuação na cultura nacional; levantar, organizar, estudar e catalogar toda a produção literária, ensaísta e jornalística do escritor, preservando seu legado para o mundo cultural de nosso Estado. O resultado do projeto foi um inventário dos manuscritos, originais, correspondências, publicações na imprensa, documentos audiovisuais e outros materiais da obra do escritor.

A doação do Acervo à PUCRS ocorreu em outubro de 2007, sendo o documento assinado pelos herdeiros, os filhos Roberto de Carvalho Moura e Sérgio de Carvalho Moura. A partir desta ocasião, a coordenação do Acervo passou a ser de minha responsabilidade, na condição de neta do escritor e docente da universidade. O projeto passou a integrar o Delfos, como Acervo de Reynaldo Moura, sob a sigla REY, que era a forma carinhosa de tratamento dado a ele pela minha avó Noah. As atividades propostas envolveram a transposição do antigo método de catalogação para o novo sistema da Biblioteca Central, com fichas informatizadas para acesso aos documentos e ao conteúdo do Acervo, possibilitando consultas online pelo programa ALEPH.

O projeto de 2010 foi direcionado às publicações na imprensa, com o objetivo de mapear e digitalizar os materiais de jornais referenciados no catálogo do Acervo, documentando a participação do escritor na vida jornalística gaúcha. Interessei-me pelas publicações na imprensa devido a minha formação em Jornalismo, talvez influenciada pelo meu avô Reynaldo. As atividades desenvolvidas no projeto envolveram a produção de material informativo digitalizado sobre as publicações na imprensa; a publicação de um blog, hospedado no site do Delfos, com relatos sobre a organização do Acervo; a relação de veículos de comunicação com título e data do material publicado, para pesquisas futuras em acervos e museus de Porto Alegre, com a finalidade de fotografar o material; e o levantamento de publicações sobre Reynaldo Moura.

Este projeto tem continuidade em 2011, mediante as manifestações documentadas no espaço da mídia impressa, com o foco nas crônicas sobre o *fazer jornalismo*. Seu objetivo é a organização, disponibilização e divulgação do acervo de Reynaldo Moura como material histórico para a pesquisa e a formação acadêmica nas áreas de Comunicação e de Letras. As atividades previstas

² O endereço eletrônico do Delfos, no qual está a página de Reynaldo Moura, é: www.pucrs.br/delfos. E o blog do Acervo de Reynaldo Moura pode ser encontrado no endereço do Delfos e em: <http://reynaldomoura.blogspot.com/>.

³ Conforme ofício da Câmara Rio-Grandense do Livro, datado de 30 de agosto de 1982.

envolvem a utilização da técnica de Análise de Conteúdo nos textos publicados no jornal *Correio do Povo* e em outros jornais catalogados no Acervo, além de produção de material digitalizado com as publicações na imprensa sobre o Jornalismo. Merece registro o fato de Reynaldo caracterizar o seu *fazer jornalismo*, que pode promover um debate entre acadêmicos da área.

A divulgação do Acervo já ocorreu no primeiro encontro do Núcleo Gaúcho de História da Mídia – ALCAR RS, que está vinculado à Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia – ALCAR. O Núcleo Gaúcho objetiva agregar pesquisadores de todas as regiões do Rio Grande do Sul, que investigam temáticas dos campos da Comunicação, da História e de áreas afins. A divulgação da produção acadêmica dos pesquisadores da ALCAR RS aconteceu mediante o registro da memória do Núcleo Gaúcho, por meio dos resumos de estudos que foram inscritos em 2007 e 2008, respectivamente, no primeiro e segundo encontros ocorridos no Estado. A publicação foi elaborada juntamente com a Editora da PUCRS⁴ e lançada oficialmente no terceiro encontro, em 2010.

No primeiro volume consta o resumo referente ao Acervo de Reynaldo Moura que possibilitou o desenvolvimento de um novo projeto direcionado à relação entre a Memória Cultural e a Comunicação Institucional, cujo conteúdo jornalístico é analisado para a história da mídia, além dos aspectos de organização, disponibilização e divulgação do acervo como material histórico para fomentar a pesquisa e a formação acadêmica. A coordenação do Acervo ainda me inspirou a elaborar um projeto que se encontra em andamento na FAMECOS, intitulado *‘Memória e Comunicação Institucional: a construção de relacionamentos com base em acervos’*. Tal projeto foi apresentado no terceiro encontro da ALCAR RS, cuja publicação digital⁵ é o segundo volume, realizado com resumos expandidos inscritos no evento de 2010.

Fragmentos do Pensamento de Reynaldo Moura

Inúmeras crônicas foram publicadas em relevantes jornais impressos da época, como *Correio do Povo* e *Diário de Notícias*, assim como textos na *Revista do Globo*. Um contexto histórico-cultural é revelado a partir da visão do jornalista, possibilitando novas oportunidades de estudos acadêmicos.

⁴ Trata-se da obra intitulada *Memórias da Comunicação: Encontros da ALCAR RS*, que está disponibilizada como um e-book, na página da editora <<http://www.pucrs.br/edipucrs/encontrosalcarrs20072008.pdf>> e no site do evento <<http://www.pucrs.br/famecos/pos/redealcarrs>>.

⁵ O e-book *Memórias da Comunicação: Encontros da ALCAR RS – volume 2* está disponibilizado, igualmente, na página da editora (<http://www.pucrs.br/edipucrs/encontrosalcarrs2010.pdf>) e no site do evento (<http://www.pucrs.br/famecos/pos/redealcarrs>).

Em outubro de 1934, Reynaldo Moura escreveu no *Correio do Povo* uma crônica a respeito do Acordo Ortográfico, que era o assunto da época. O texto ironizava a questão, apresentando inadequações ortográficas como uma forma de protesto ao acordo ora discutido:

Aconteceu, entre nós, um governo que teve a idéia batuta de estabelecer um cósmosorthographico nesse cháos da língua escripta. Boa ou soffrível, a reforma official vinha organizar e simplificar, facilitar e unificar. Mas nós estavamos no Brasil. Logo o João Silva ali da esquina gritou: Não póde! E como neste paiz a mais alta expressão do espirito democratico está crystalizada no lema: Não póde, cada um voltou a escrever a sua complicaçõesinha pessoal, convencidos de que o “ph” e as letras duplas são um signal de alta cultura.

No ano seguinte, registrou em uma crônica no *Correio do Povo* sua opinião sobre um projeto apresentado na Câmara por um deputado, que objetivava dar o nome de ‘brasileira’ à língua utilizada no País. A crítica pode ser observada no fragmento a seguir:

Não é preciso que se diga oficialmente que no Brasil se fala e escreve o brasileiro, porque todo mundo sabe disso. E não é bem verdade que, escrevendo, a gente use um idioma diferente daquele que botou Camões entre as páginas das antologias para suplício das crianças e invenção da análise lógica. O pessoal daqui, quando escreve, ainda tem medo de colocar mal um pronome, embora saiba que esse pecado é a coisa que mais diverte, porque faz cócegas na medula fininha dos nossos gramaticóides esclerosados”. (...) “Ainda falamos de um jeito bonito e escrevemos de mau jeito. Porque a frase dita o vento leva, a onda sonora que é a palavra nos lábios se desfaz como uma nota isolada de música; mas a frase escrita fica preta para sempre sobre a epiderme do papel, um hieróglifo sobre a rigidez da pedra que devora séculos.

Reynaldo Moura fez algumas afirmações sobre o meio jornal. Abordou o isolamento das pessoas ao deixarem de ler o jornal e o ostracismo do jornalista ao se afastar do veículo. Nos fragmentos a seguir, estão indicados os dois posicionamentos:

Jornal... vocês já pensaram bem na inutilidade do jornal? Por quê? Para quê? Pois não seria muito mais interessante que a gente se isolasse de todas as ondas que cortam nossa tranquilidade? Nem jornal, nem rádio. Apenas silêncio. (*Correio do Povo*, janeiro de 1935)

Finalmente, eu abandonei o jornal, para empregar-me. Passei, então, a viver o período mais apagado de minha vida. (Entrevista concedida para a *Revista do Globo*, outubro de 1939)

Não se considerava um escritor, e sim um jornalista. Na verdade, era um homem tímido e introspectivo, que não se enxergava como um literato, de acordo com suas palavras:

Mas perdão, eu não me considero um escritor. Amanhã ou depois muita gente boa seria capaz de nos cortar o cumprimento. Escritor só porque escrevo? Não é motivo suficiente. Nem devo me colocar no mesmo nível dos que ficariam constrangidos em tão má companhia. Sou apenas homem de jornal. (Entrevista concedida para o *Jornal da Manhã*, junho de 1937)

Porém, ele revelou em uma crônica que a literatura o conduziu ao jornalismo:

Geralmente é o feitiço da literatura que arrasta para o jornal, por uma razão ilusória de analogia profissional, a futura vítima. O rapazinho sonhador, com a cabeça cheia de motivos enganadores, envereda pelos jornais até encontrar uma colocação definitiva. A princípio tudo vai bem, as coisas correm pela estrada da simpatia em que dificuldades e tropeços são outros tantos motivos de jubiloso esforço. (...) E quando ele começa a sentir que há situações melhores na vida para o desenvolvimento de suas predileções mentais, começa o drama do emparedado das letras, do homem que tem, por obrigação, de escrever diariamente uma coluna de jornal, haja ou não haja disposição para isso. (*Correio do Povo*, 26 de abril de 1941)

Também merece registro a observação do cotidiano, como uma característica inerente à profissão de jornalista. Para Reynaldo Moura, a observação da vida passou a ser uma obrigação:

Mas a profissão é uma exigência cotidiana. Desde que começou a escrever nunca mais ele teve uma hora de recreio. Todos os dias a mesa do jornal, está à espera de seus cotovelos, os assuntos andam no ar, os comentários nas conversas, as notícias no mundo – que são a matriz dos tópicos e dos artigos – pelas folhas diárias incessantes e implacáveis. Ele tem por obrigação tirar uma série de períodos perfeitamente inócuos das mais contraditórias notícias. E isso todos os dias. Um, dois, três tópicos; um artigo; a crônica de sempre; o comentário tal, todos os dias, todos os dias, pela vida a dentro. (*Correio do Povo*, 26 de abril de 1941)

Conforme sua opinião, na primeira página do jornal os assuntos representam situações contemporâneas, as quais já nos habituamos a ler, transformando-nos em pessoas indiferentes ao noticiário, “*todas as manhãs, ao primeiro contato com a vida, pelo jornal tão quotidiano!*” (*Correio do Povo*, 1º de junho de 1944)

Procurava captar a realidade e apresentá-la como um reflexo, uma impressão do mundo que o cercava. E o

jornal era o meio no qual suas observações do cotidiano ficaram registradas:

Cada dia que passa fica impresso em muitas páginas de jornal. As horas desfeitas em cinza dos dias mortos se afastam em silêncio torrente. Mas o imenso drama do mundo, fica para sempre nas páginas desse monstruoso romance de cada dia, e como tudo é fôlha morta e graveto que passa nas águas do rio da vida, esse romance de suor e sangue corre paralelo à ficção também impressa, e ninguém sabe depois, qual dos dois é mais real e mais vivo. (*Correio do Povo*, 17 de março de 1949)

Outono da vida

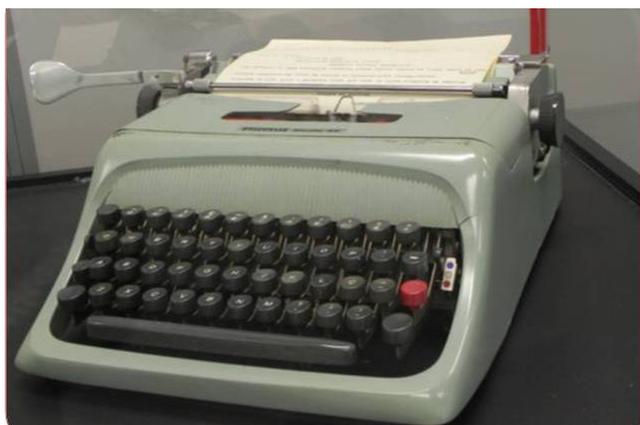
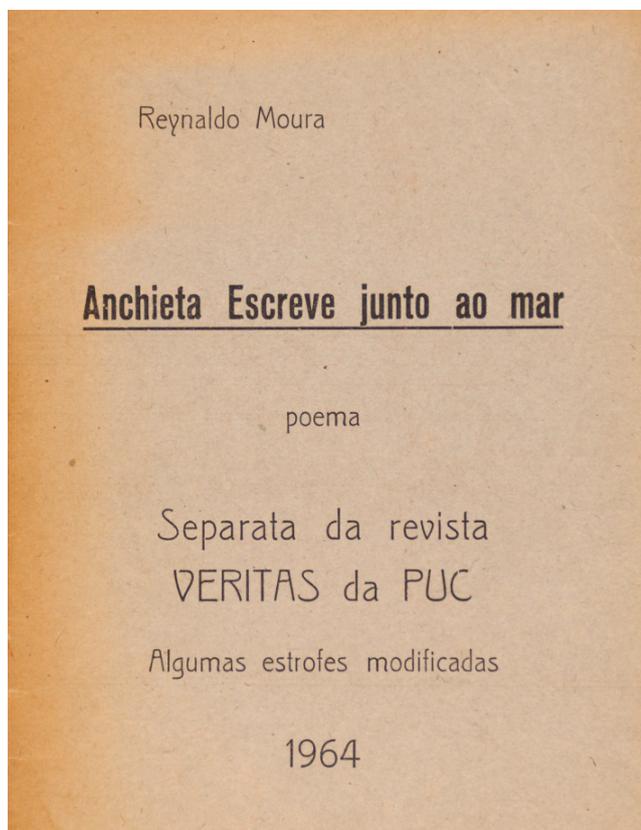
Apesar de não ser filiado a qualquer partido político, mas por ser adepto aos ideais socialistas e por manter correspondência com Astrogildo Pereira, fundador do Partido Comunista Brasileiro (PCB), Reynaldo Moura foi preso em 1964, no Departamento Estadual de Ordem Política e Social (DOPS). Os amigos Érico Veríssimo, Mauricio Rosenblath e Alberto André organizaram sua liberdade. A humilhação da prisão o levou a um infarto, do qual jamais se recuperou. Faleceu um ano mais tarde, experimentando suas próprias palavras, registradas em 1944: “*Chegou à Hora Incomensurável da Morte. (...) Mergulharás na paz insensivelmente, libertada tua ansiedade.*”

A preocupação de Reynaldo Moura, no período posterior a sua prisão, era sua máquina de escrever. Tanto que Cyro Martins, em 1992, apontou o fato no jornal Zero Hora, com o seguinte trecho:

Quando o encontrei já fazia um mês que o poeta estava em liberdade. Indagado um pouco mais a respeito do episódio, Reynaldo rematou a conversa nestes termos: “*Ficaram com a minha máquina de escrever. O Moysés (Moysés Velinho) está tratando de consegui-la de volta. É problemático, porque, que eu saiba, até hoje não devolveram a máquina de ninguém... E quanto ao mais, estou proibido de viajar. Mas, como eu nunca viajo!*”

Sua última publicação em vida foi uma separata da revista *Veritas*, da PUCRS, que editou o poema *Anchieta Escreve Junto ao Mar* ([foto da capa a seguir](#)).

A referida máquina foi devolvida e, após sua morte, ficou sob a guarda do filho Roberto. Os tipos ainda foram bastante usados em trabalhos acadêmicos elaborados por mim, no decorrer do Curso de Comunicação Social, assim como no Curso de Mestrado em Sociologia, ambos realizados na PUCRS. A imagem da máquina que esteve aprisionada encontra-se a seguir, fotografada em um expositor:



No Acervo também há uma escrivadinha e uma luminária que eram utilizadas pelo escritor e jornalista quando trabalhava em sua casa. Vou concluir o texto com as palavras de Reynaldo Moura, que revelam seu olhar sobre o cotidiano da vida humana: “*É preciso mostrar aos homens as suas misérias para que eles tenham consciência das mesmas, e avancem em cada meio século, no caminho da bondade*” (*Correio do Povo*, 13 de maio de 1950). Meio século já se passou desde que o jornalista, preocupado com a realidade vigente, escreveu esta frase. A dúvida é se efetivamente houve um avanço no caminho da bondade!

Referências

ACERVO de Reynaldo Moura. Materiais disponibilizados no Delfos – Espaço de Documentação e Memória Cultural. Porto Alegre: PUCRS, em dezembro de 2010.

MOURA, Cláudia Peixoto de. *Organização do Acervo de Reynaldo Moura: as publicações na imprensa*. Porto Alegre: PUCRS, 2009 e 2010. (Projeto aprovado com Bolsa BPA/PUCRS).

MOURA, Cláudia Peixoto de. *Memória e Comunicação Institucional: a construção de relacionamentos com base em acervos*. Porto Alegre: PUCRS, 2009 e 2010. (Projeto aprovado com Bolsa PIBIC/CNPq).

MOURA, Cláudia Peixoto de; MACHADO, Maria Berenice da Costa (orgs.). *Memórias da comunicação: encontros da ALCAR RS*. Porto Alegre: Edipucrs, 2010. 91 p. [recurso eletrônico]

MOURA, Cláudia Peixoto de; MACHADO, Maria Berenice da Costa (orgs.). *Memórias da comunicação: encontros da ALCAR RS*. Porto Alegre: Edipucrs, 2011. v. 2. 380 p. [recurso eletrônico]

REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel. *Reynaldo Moura*. Porto Alegre: IEL, 1989. 78 p.

Recebido: 12 de maio de 2011
Aprovado: 14 de junho de 2011
Contato: cpmoura@pucrs.br